

CARDOSO, Alírio; BASTOS, Carlos Augusto; NOGUEIRA, Shirley Maria. *História militar da Amazônia: guerra e sociedade* (séculos XVII-XIX). Curitiba: CRV, 2015, 252 pp.

A história militar da Amazônia em perspectiva

Paulo Marcelo Cambraia da Costa*

Nas últimas três décadas, os estudiosos que produzem um determinado conhecimento histórico sobre a Amazônia do período colonial, principalmente aqueles ligados aos cursos brasileiros de pós-graduação, têm se esforçado para estabelecer diálogos entre as suas investigações, bem como para criar grupos de pesquisa que possam dar conta de interpretações de realidades históricas temporais e regionais tão distintas, mas muito próximas em alguns aspectos sociais. Este parece ser o espírito desta coletânea, que reúne os trabalhos de estudiosos das temáticas da história militar e das fronteiras, mais precisamente o Grupo de Pesquisa Sociedade, Trabalho e Política em Áreas de Fronteiras (GEF-Ufpa) e, em especial, sua linha de pesquisa militar, Sociedade e Fronteiras. De acordo com o grupo, a Amazônia requer uma maior atenção dentro dos estudos sobre a experiência militar na América portuguesa e no Império do Brasil, no âmbito da Nova História Militar.

Os artigos que compõem a coletânea comungam de um mesmo recorte espacial, aquele que Arthur Cezar Ferreira Reis chamava de vale amazônico¹, que dependendo do período foi denominado Estado do Maranhão e Grão-Pará, Grão-Pará e Maranhão e Grão-Pará e Rio Negro. Entretanto, como evidenciam os autores, os estudos possuem uma dimensão comparativa que se constituiu numa importante característica dos artigos, pois estes também focalizam os processos históricos de outras partes da América portuguesa, assim como de outras regiões da América espanhola. Em se tratando das fronteiras da Amazônia portuguesa, a história militar vem ganhando importante atenção dos pesquisadores e, até três décadas atrás, podemos dizer que ela se

* Professor de História da Amazônia. Doutorando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

¹ REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A política de Portugal no Vale Amazônico*. Belém: Secretaria de Estado do Pará, 1993.

constituía numa lacuna.

É significativo perceber que essas produções evidenciam que a definição das fronteiras na região amazônica exigiram mais do que formações militares fortes, armas e fortalezas. Foram necessárias alianças, também conflitos, acomodações com os sujeitos históricos que viviam nessas áreas, para além dos planos dos estados europeus, interessados em demarcar suas fronteiras nessa região. Mais uma vez, afirmamos que esta coletânea se insere no preenchimento daquela lacuna.

Adler Castro lembra que a história militar passou por mudanças significativas no seu enfoque nas últimas décadas. Antes os estudos privilegiavam as grandes batalhas fundadoras do espírito patriótico e os gloriosos vultos militares que defenderam as nascentes nações. As abordagens mais atuais, porém, têm dado ênfase à análise das interrelações entre a sociedade militar e a sociedade civil e todas as contradições que essas esferas ensejam². O autor destaca que as novas pesquisas vão além do período tradicionalmente privilegiado por uma historiografia mais antiga da história militar, que se concentrava nos momentos de guerra e contendias entre os países. Nos trabalhos mais recentes, tem-se privilegiado os períodos de “paz”, nos quais as forças militares se fazem sentir de forma permanente na vida dos sujeitos, nos recrutamentos militares compulsivos ou não, nos serviços militares e nas construções de fortificações nos povoados.

A coletânea é composta de treze artigos que evidenciam processos e elementos centrais da mobilização da armada, da prática da guerra e das relações entre as instituições militares e a sociedade. Dos artigos, treze se circunscrevem no século XIX, dois dedicam-se ao séc. XVIII, dois artigos ficam com o séc. XVII, um artigo recorta os séculos XVII e XVIII e um texto, exatamente o que abre o livro, se atém ao denominado período pré-colonial ou, como chamam os autores, o momento anterior às conquistas europeias. Parece-nos que a presença do artigo “A guerra na Amazônia pré-colonial”, de Alexandre Guido Navarro abrindo a coletânea, sem a devida ponderação por parte dos organizadores na apresentação sobre a diferença gritante entre a percepção bélica europeia e a percepção indígena guerreira, faz parecer que o texto está no mesmo

² CASTRO, Adler Homero Fonseca de. In: GOMES, Flávio dos (organizador). *Nas Terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira (séculos XVIII-XIX)*. Belém: Editora Universidade/UFGA, 1999, p. 129-194

âmbito epistêmico da análise “da mobilização armada, da prática de guerra e das relações entre instituições militares e sociedade”, o que não é um exercício retórico tranquilo de se fazer. Se a primeira percepção está inegavelmente ligada à formação dos Estados-nação e suas disputas para garantir as suas fronteiras na Amazônia, a segunda é informada por outras motivações, ligadas às cosmologias e cosmogonias indígenas³.

Por outro lado, a Nova História Militar não se limita apenas à discussão do Estado-nação, pois procura evidenciar as contradições nas relações dos sujeitos com as instituições militares – isso a obra promete e cumpre. Por outro lado, para entrar numa discussão em que a própria epistemologia sobre a temática é completamente diversa e que não se enquadra dentro dos parâmetros ocidentais, seria necessário um pequeno exercício argumentativo para localizar o primeiro texto dentro desta publicação que tem nos demais artigos a constituição e defesa dos territórios e fronteiras dos estados europeus e, posteriormente, do estado brasileiro.

Os organizadores da coletânea Alírio Cardoso, Carlos Bastos Shirley Nogueira afirmam que a vitalidade dos estudos sobre a Nova História Militar no Brasil pode ser verificada no número cada vez maior de defesas e publicações de dissertações, teses, artigos e livros que foram produzidos nas duas últimas décadas. Os organizadores acreditam que a coletânea não se constitui num balanço historiográfico sobre os estudos produzidos a respeito da Nova História Militar. Porém, afirmam que a obra *A História Militar na Amazônia* ocupa um espaço significativo no conjunto das abordagens sobre a experiência militar na América portuguesa e no Império do Brasil. E de fato, a ocupação e a defesa dos vastos territórios fronteiriços amazônicos abordados nos artigos – frutos de pesquisas documentais de fôlego – confirma que aqueles processos exigiram a presença de homens e instituições ligados à guerra, e que a ocorrência de conflitos com armas pelas disputas do espaço foi mediada com a construção de fortificações nas áreas limítrofes.

Recebida em: outubro de 2016.

Aprovada em: dezembro de 2016.

³ A esse respeito ver os excepcionais textos de Eduardo Viveiros de Castro “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem” e “Imanência do inimigo”. In: CASTRO, Eduardo viveiros de. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.